CONCLUSÃO

Ontem e Amanhã: História das Bibliotecas, Crises e Mutações Contemporâneas

> *[A garçonete] esgueirava-se por entre os bêbados na cervejaria [...]. Nesse momento, ela ouviu Thomas chamá-la [...]. Um livro aberto estava pousado sobre sua mesa. Nesse café, nunca ninguém havia aberto um livro sobre a mesa. Para Tereza, o livro era o sinal de reconhecimento de uma fraternidade secreta. Contra o mundo da grosseria que a cercava, ela só tinha, de fato, uma única arma, os livros que tomava emprestado da biblioteca municipal, sobretudo os romances: ela lia muitos deles, [...] eles lhe ofereciam uma possibilidade de evasão imaginária, tirando-a de uma vida que não lhe trazia nenhuma satisfação...*
>
> MILAN KUNDERA[1]

A citação de Milan Kundera destaca uma contradição, que continua atual. No momento em que as bibliotecas passam, a nível mundial, por desenvolvimentos absolutamente desiguais, a leitura, mais ainda a leitura regular, continua sendo frequentemente um marcador sociocultural – inclusive a leitura do romance de "entretenimento", que eventualmente vai permitir a evasão de um cotidiano decepcionante. Por outro lado, a cena ocorre numa democracia popular, ou seja, um regime político em princípio atento aos desenvolvimentos de uma "cultura popular" baseada nas bibliotecas: entretanto, o desacordo continua sensível ali também, entre os que frequentam regularmente a biblioteca, e os outros.

1. Milan Kundera, *A Insustentável Leveza do Ser*, p. 75.

Digitalizado com CamScanner

O século de ouro

Desde a Primeira Guerra Mundial, o balanço global da história das bibliotecas parece *a priori* extremamente positivo: seu desenvolvimento atinge no século XX um nível sem precedente, tanto em sua geografia antiga (a Europa Ocidental) quanto no Novo Mundo, nas colônias e antigas colônias, na geografia das antigas repúblicas democráticas etc. Paralelamente, a própria economia da edição evoluiu consideravelmente. A produção impressa aumenta constantemente (quinhentos mil títulos em 1975, um milhão e vinte, cinco anos mais tarde), e o leque da mídia se enriquece, primeiramente com a mídia recorrendo ao som e à imagem (discos, filmes etc.), depois as "novas mídias" caracterizadas pela convergência técnica: graças à digitalização, uma interface única dá acesso a todos os tipos de mídia. A curva de criação de bibliotecas segue uma conjuntura igualmente brilhante: passamos, na França, por exemplo, de cerca de 1600 bibliotecas públicas na década de 1950 a mais de sete mil quarenta anos mais tarde.

A França será tomada aqui como exemplo das evoluções deste último período: o país viveu de fato um fenômeno notável de recuperação, sobretudo na segunda metade do século XX, tratando-se tanto da leitura pública (em relação ao modelo anglo-saxão) quanto, mesmo que em menor medida, das bibliotecas de estudo e de pesquisa (em relação ao modelo alemão e norte-americano).

A leitura pública: As décadas norte-americanas

A mudança mais visível age sobre o setor da leitura pública. Continuamos numa lógica de transferência cultural quando abordamos a questão da abertura das instituições de biblioteca para um público mais amplo, como ocorreu na França, de acordo com o modelo norte-americano, sobretudo depois da Primeira Guerra Mundial. Uma escola franco-americana especializada funciona em Paris, rua do Élysée, de 1923 a 1929, cuja influência é importante, e que finalmente vai resultar na implantação de um currículo de formação biblioteconômica "moderna" – com diferentes

Digitalizado com CamScanner

Biblioteca Municipal de Reims: *hall* da Biblioteca Carnegie (2011). Foto de F. Barbier.

Digitalizado com CamScanner

estruturas sucedendo-se até a fundação da Escola Nacional Superior de Bibliotecas em 1963, em Paris, depois em Lyon/Villeurbanne (1974)[2].

Em segundo lugar, são tomadas iniciativas que introduzem no próprio local algumas novidades. A Biblioteca Municipal de Reims é reconstruída depois da Guerra, graças ao financiamento trazido pela Fundação Carnegie. O edifício, erguido a partir de 1920 por Max Sainsaulieu, caracteriza-se pela qualidade de sua realização. A escolha do estilo *art déco* permite reforçar a estética de conjunto, à qual se integram também elementos de decoração (ferro forjado, mosaicos, baixos-relevos, lustre do *hall*, vidraças) e mobiliário. O espaço distingue os locais acessíveis ao público (*hall*, sala de leitura, sala dos fichários e sala de exposição), os serviços internos da biblioteca (escritórios etc.) e os armazéns de livros, erguidos em cinco níveis e oferecendo cerca de nove quilômetros de estantes. Sua disposição notável em semicírculo visa a reduzir a manutenção. Essa biblioteca é considerada como um modelo, na paisagem biblioteconômica da época.

Dentre outras realizações, convém citar as bibliotecas ou seções de bibliotecas especificamente destinadas às crianças ("L'heure joyeuse", pela primeira vez em Paris em 1924), ou ainda o começo do ônibus-biblioteca. O modelo inglês, o da carroça servindo algumas aldeias, é conhecido desde 1857, graças à iniciativa de George Moore, mas que se desenvolve sobretudo com o automóvel, nos Estados Unidos, a contar de 1905. Na França, um protótipo é apresentado por Renault na Exposição Colonial de 1931, enquanto bibliotecas circulantes são organizadas paralelamente no Departamento da Aisne, e os ônibus-bibliotecas surgem para servir certos bairros das cidades. O princípio privilegiava primeiro o depósito de volumes junto a uma instituição, escola ou prefeitura. Ele se orienta para a recepção direta do público, em veículos maiores e organizados à maneira de bibliotecas clássicas, com livros sobre suas duas paredes internas. Essas diferentes realizações prefiguram a fundação das Bibliotecas Centrais de Empréstimo (Bibliothéques Centrales de Prêt – BCP) após 1945.

Hoje, a gestão interna das bibliotecas e a cooperação entre estabelecimentos estão profundamente reestruturadas graças às técnicas informáticas, quer se trate dos pedidos, da catalogação, da gestão das coleções ou

2. Torna-se a Escola Nacional Superior de Ciências da Informação e de Bibliotecas (ENSSIB em francês) em 1992.

Digitalizado com CamScanner

ainda do registro dos empréstimos – sem falar de todo o trabalho administrativo, da contabilidade etc.

A BIBLIOTECA PÚBLICA NA CIDADE

As bibliotecas públicas mudam também de modelo no próprio interior das cidades, mas a evolução data sobretudo da segunda metade do século – depois de 1945, e mais ainda depois de 1960. Em Paris, a Biblioteca Pública de Informação (Bibliothèque Publique d'Information – BPI) é aberta em 1970, com o duplo princípio: livre acesso generalizado e levando em consideração as multimídias – nesse caso, os meios audiovisuais. A BPI funcionou como uma estrutura de experimentação e de observações, notadamente numa perspectiva sociológica: quais eram os públicos que frequentavam os diferentes serviços da biblioteca, quais eram suas expectativas, suas estratégias de aprendizado etc.? A frequentação da biblioteca é da ordem de cinco mil leitores por dia, o que demonstra seu sucesso, mesmo que a adaptação a novas práticas e a públicos que privilegiam o trabalho em grupo permaneça problemática.

Com exceção da capital, o movimento de construção ou de profundo remanejamento das bibliotecas municipais prolonga-se depois das reconstruções do pós-guerra – mas a situação, por muito tempo, permaneceu modesta em um grande número de casos. Em Angers, a grande sala de leitura continua só sendo iluminada por três lâmpadas em 1953, e é preciso fechá-la às 17 h no inverno, por falta de iluminação suficiente (1961). Na mesma data, as áreas de armazenagem de livros não são iluminadas, e o aquecimento continua insatisfatório. A recuperação será feita na última terceira parte do século, quando as ex-bibliotecas "classificadas" são objeto de programas que se desenvolvem por várias décadas, e novos serviços são fundados em um grande número de cidades. Em Lyon, o esforço incide primeiramente na implantação de uma rede, com a biblioteca central e as bibliotecas anexas sucessivamente abertas em cada setor da cidade (1959). A própria biblioteca central é transferida em 1972 para um edifício inovador, cujo programa foi concebido por Henri-Jean Martin e que é construído no novo bairro de La Part-Dieu. A informática é introduzida maciçamente, tanto para a gestão da rede quanto para a disponibilização de um catálogo coletivo, a partir de 1986. A Biblioteca de Lyon, com sua central, seus treze

Digitalizado com CamScanner

anexos e seus três ônibus-bibliotecas, é hoje uma das mais importantes da Europa. A característica dessas bibliotecas é combinar um amplo leque de diferentes funções, da pesquisa e do estudo à formação, à informação, à leitura de entretenimento, aos fóruns de discussão etc., eventualmente com uma distinção de acordo com a especificidade dos públicos, em primeiro lugar as crianças e os jovens.

Um segundo movimento importante se desenvolve nas últimas décadas do século XX, com as midiatecas. As bibliotecas se empenham, de longa data, em propor a seu público outras mídias que não o livro apenas, com as gravações sonoras, depois os filmes, aos quais são dedicadas seções específicas. Essa ampliação é sistematizada com a divulgação de novas mídias, as bibliotecas pondo à disposição dos públicos tanto Cd-rom e outros novos suportes, quanto assinaturas em bases de dados e postos de acesso à internet – eventualmente com um serviço de formação dos usuários, como no Ateliê Digital da Biblioteca de Versalhes. Acrescentemos que muitas dessas midiatecas são instaladas em edifícios também novos (tratando-se frequentemente de anexos), ou muito profundamente reformados (eventualmente para a biblioteca central).

As bibliotecas de pesquisa

A situação das bibliotecas na universidade permaneceu modesta na França, porque uma grande parte das funções do estudo e da pesquisa é assegurada pelas grandes instituições parisienses, e pelas principais bibliotecas municipais dos departamentos. Entretanto, um grande esforço foi realizado, a partir dos anos 1960, no setor das bibliotecas universitárias, que foram objeto de um vasto programa de construções novas no âmbito dos *campi* organizados nessa época (450 mil m² de bibliotecas construídas em cerca de quinze anos). Sua organização interna foi profundamente repensada, em parte pela pressão da passagem do ensino superior de massa (com a distinção dos serviços conforme o nível de estudos). A maioria dessas novas bibliotecas foi organizada em seções – letras, direito, ciências, medicina – um princípio sobre o qual a discussão continua. De um lado, de fato, é conveniente adaptar as bibliotecas à organização subdividida dos *campi*, e aproximá-las das equipes e dos laboratórios de pesquisa (que frequentemente têm sua própria biblioteca); de outro, a biblioteca central pode oferecer um serviço melhor

Digitalizado com CamScanner

e gerar economias em escala, funcionando como um chefe de rede. O orçamento corrente, no entanto, continua problemático: uma vez inaugurado o edifício, é preciso fazê-lo viver, e o orçamento de funcionamento não está sempre à altura das expectativas, com coleções por vezes pouco atrativas. Globalmente, podemos realmente nos perguntar qual é o interesse que há em distinguir as bibliotecas em função da estrutura administrativa – cultura, universidades ou ainda coletividades territoriais. Outra problemática que se tornou mais urgente é a do custo crescente da documentação, notadamente tratando-se de periódicos digitalizados especializados. A vontade de adquiri-los, que diz respeito mais à afirmação de um *status* da biblioteca do que da necessidade real, está na origem de opções orçamentárias difíceis. Por outro lado, as sucessivas leis sobre a universidade que entraram em vigor desde 1968 não ficaram sem efeito sobre as bibliotecas, sobretudo porque a política documental é em princípio definida pelas universidades que, por sua vez, se tornaram muito mais autônomas.

A Biblioteca Nacional, depois Biblioteca Nacional da França (BnF) em 1994, continua sendo a principal biblioteca de estudo e de pesquisa do país, mas ela desempenha também muitas outras missões específicas, relativas ao depósito legal, ao fornecimento da informação bibliográfica, à conservação de um patrimônio que abrange todo um leque de mídias (lei de 1992), à coordenação das políticas de aquisições, de formação e de cooperação etc.[3] A BnF começou por produzir anotações catalográficas normalizadas nas décadas de 1960-1970 (bibliografia corrente), depois ela empreendeu a reconversão de seus antigos catálogos para a forma informática, antes de tornar a totalidade disponível por internet (BN-Opale). Numa terceira etapa, a BnF conduziu o estabelecimento e o enriquecimento de sua biblioteca digital Gallica. A nova biblioteca, construída em Paris no bairro de Tolbiac e aberta em 1996-1998, recebe os impressos e os documentos audiovisuais, e é organizada à maneira de uma biblioteca universitária, com um andar reservado para a pesquisa geral (parte alta do jardim), e um andar para os trabalhos mais especializados (rés do jardim). Entretanto, as cifras de utilização não parecem muito elevadas, e a tendência é para a baixa: 31 mil leitores inscritos na biblioteca geral em 2008, mas 29 mil em 2010, sendo

3. Bruno Blasselle & Jacqueline Sanson, *La Bibliothèque nationale de France: mémoire de l'avenir*, 3. ed., Paris, Gallimard, 2006 ("Découvertes").

Digitalizado com CamScanner

as cifras de 21 mil e de 17 mil respectivamente para a biblioteca de pesquisa (cartões anuais).

O século de ferro

O século XX, no entanto, poderia também ser qualificado, com razão, de "século de ferro", tratando-se das bibliotecas[4]. É, em primeiro lugar, um século de guerras, começando pelas duas guerras mundiais. Desde que a guerra se tornou "total" (a partir do cerco de Estrasburgo em 1870), as cidades e as populações civis também são bombardeadas – e as bibliotecas não escapam às destruições, mesmo que sejam consideradas protegidas pela Convenção de Haia de 1907.

A Primeira Guerra Mundial vê a destruição de acervos riquíssimos: a Biblioteca de Louvain é incendiada em 25 de agosto de 1914, com os arquivos da universidade; a Biblioteca de Arras é praticamente destruída em 1915, enquanto a de Reims perde a metade pelo menos de suas coleções, quando uma bomba incendiária cai sobre a prefeitura em maio de 1917. As duas bibliotecas, de Louvain e de Reims, serão reconstruídas graças ao financiamento trazido pela Fundação Carnegie, que se encarrega também da construção da nova Biblioteca Universitária de Belgrado. As destruições ocasionadas pelo segundo conflito mundial são ainda mais pesadas, quer se trate daquelas advindas ao longo do avanço das tropas alemãs nos diferentes países (bibliotecas de Beauvais, de Caen, de Tournai, de Tours, Biblioteca Nacional de Belgrado), daquelas devidas aos bombardeios (sobretudo na Alemanha, mas também em Metz etc.), ou daquelas atribuídas às campanhas de libertação. As destruições voluntárias são igualmente maciças, por exemplo, com as bibliotecas polonesas destruídas pelos alemães (dentre as quais a Biblioteca Nacional de Varsóvia em 1944), ou ainda a Biblioteca da Universidade de Nápoles. Evidentemente, as destruições não se limitam aos efeitos das duas maiores guerras. A Guerra Civil Russa, a Guerra da Espanha, a Guerra Sino-japonesa, ou ainda, mais tarde, a Guerra da Iugoslávia (a Biblioteca de Sarajevo é destruída em 1993) e até, bem recentemente, a

4. *Mémoire du monde. Mémoire perdue. Bibliothèques et archives détruits au XX^e siècle*, Paris, Unesco, 1996.

Digitalizado com CamScanner

Guerra do Máli (com a destruição parcial das bibliotecas de manuscritos conservadas desde o século XVI em Tombuctu), são outros tantos conflitos cujos efeitos para as coleções de livros não podem ser subestimados.

Os acontecimentos políticos trazem também sua parte de destruições, sobretudo por causa das medidas de censura e de confisco. A tradição é antiga e remonta às decisões tomadas pelo imperador Shi-Huang-Ti na China em 213 antes da nossa era:

> Os livros só continham vãs especulações, e só incitavam o povo a criticar o governo. Por mais frágil que seja seu suporte, o escrito sempre foi considerado como detentor de um poder sobre o espírito dos homens, e são inúmeros os dirigentes que acharam bom seguir o exemplo de Qin Shihuangdi queimando, proibindo e fazendo desaparecer os livros e seus autores[5].

As leis antijudaicas implantadas pelos nazistas encontram uma aplicação direta nas bibliotecas, com os autos de fé de 10 de maio de 1933 e com as listas de autores proibidos, cujos exemplares são muito frequentemente destruídos. Uma parte das coleções das bibliotecas dos Sudetos desaparece depois da anexação da região ao *Reich*, e o avanço das tropas alemãs é acompanhado pela destruição sistemática das bibliotecas e dos acervos judeus na Polônia e no conjunto da Europa do Leste. Evidentemente, a ocupação estrangeira é também um período de controle, de censura e, eventualmente, de destruições, por exemplo, na França[6]. Os vencedores deslocam as coleções que os interessam, de modo que, ainda hoje, milhões de volumes provenientes da Alemanha e dos países controlados pela Alemanha são conservados nos Estados da ex-URSS, e até na Geórgia[7]. Mesmo quando os objetos confiscados devem ser finalmente devolvidos, as restituições nunca são gerais, e a história das bibliotecas mostra o quanto os confiscos e os deslocamentos de coleções podem apresentar perigo.

5. *Mémoire du monde*, *op. cit.*, p. 7.
6. Martine Poulain, *Livres pillés, lectures surveillées: les bibliothèques françaises sous l'Occupation*, Paris, Gallimard, 2008 ("NRF Essais"); "Les spoliations des bibliothèques privées par les nazis en France: des milliers de personnes victimes d'un vol de masse", *Saisies, spoliations et restitutions. Archives et bibliothèques au XX^e siècle*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2012, pp. 229-240.
7. Mikhaïl D. Afanas'ev, "Des livres voyageurs. Le destin des livres emportés d'Allemagne par les Soviétiques entre 1945 et 1946", *Saisies, spoliations et restitutions*, *op. cit.*, pp. 135-145.

Digitalizado com CamScanner

As consequências do conflito, e da dominação comunista, sobre uma grande parte da Europa se fazem sentir há três gerações. Na República Tcheca, por exemplo, os bens (dentre os quais as bibliotecas) pertencentes às famílias "alemãs" (sobretudo nos Sudetos) são confiscados em 1945 (a prática é distinguir cidadania e nacionalidade), mas a tomada do poder pelos comunistas acarreta também, em 1948, o confisco das bibliotecas de comunidades religiosas ou de antigas famílias nobres. No entanto, o princípio é o de conservar a integridade dos acervos, e de mantê-lo, se possível, no próprio local: um serviço é criado na Biblioteca do Museu Nacional para que essas cerca de 350 "bibliotecas de castelos", uma parte das quais é destruída, apesar de tudo. Após a queda do sistema comunista, as restituições são realizadas para as famílias ou instituições que o solicitarem: esses procedimentos de restituição têm também como efeito aumentar a confusão. Até recentemente, o principado de Liechtenstein e a República Tcheca recusam-se a manter relações diplomáticas regulares por causa dos litígios referentes às grandes propriedades dos príncipes de Liechtenstein na região de Lednice (Eisgrub), com seus castelos e coleções.

Acrescentemos que, eventualmente, as mudanças de regime político ocorridas a partir de 1989 também acarretaram sua parte de destruições, como em Bucareste, onde a biblioteca da universidade é em parte incendiada quando da sublevação contra Ceaucescu, porque ela era contígua à sede da polícia política.

A pós-modernidade, ou as metamorfoses do terceiro milênio

Na passagem para o terceiro milênio, as bibliotecas são submetidas a tensões que supõem reconsiderar em parte suas funções. Vamos reagrupá-las segundo duas lógicas.

A primeira, a mais evidente, é a das novas mídias, e da internet. O conceito de hipertexto surge nos anos 1980, em ligação com o progresso da microinformática: trata-se de estruturar os dados não mais de maneira linear e hierarquizada (como num texto impresso), mas sob a forma de "tela" oferecendo a possibilidade de "clicar" numa palavra ou grupo de palavras para acessar a novas informações, elas mesmas multimídias, portanto recor-

Digitalizado com CamScanner

rendo à imagem e ao som. A realidade do hipertexto mobilizou hoje todas as práticas ligadas à construção e à disponibilização do saber – tornou-se banal "clicar" num texto para obter elementos lexicográficos (ortografia, acepções, sinônimos, traduções etc.), iconografias e outros. A fase decisiva foi, nos anos 2000, a da extensão da rede (internet) e da generalização da conexão *on-line*. Quer se trate das bibliotecas nacionais e de outros estabelecimentos que desenvolvem bibliotecas virtuais[8], ou quer se trate de Google Books, um número crescente de volumes está disponível hoje gratuitamente na internet. Surgido mais recentemente, o movimento do "arquivo aberto" (*open archiv*), que permite divulgar recursos em livre acesso sem ter que codificá-los, caminha no mesmo sentido. Por isso, as condições de consulta e de trabalho não são mais as mesmas: não é mais indispensável ir à biblioteca ou à midiateca para ter acesso ao texto e à informação, o que explica provavelmente o essencial da baixa de frequência nas bibliotecas, observada no plano estatístico há vários anos. A biblioteca, que funcionava de acordo com uma lógica de estoque (conservar os impressos e outros suportes), deve atualmente passar em parte para uma lógica de fluxo, seja passando para novos suportes os conteúdos preexistentes (é o princípio da digitalização e das bibliotecas virtuais), seja criando diretamente *on-line* conteúdos eles mesmos novos. A definição da instituição como designando um local onde a informação é mantida à disposição torna-se problemática, desde que esta não é mais disponível só por intermédio do escrito e do livro, mas também pela informática.

A questão da responsabilização das bibliotecas está ligada a essa tendência, com as dificuldades provenientes da crise econômica no início do século XXI, mas também da mercantilização crescente, notadamente no setor dos direitos (direitos autorais, direitos da imagem etc.). Continuamos plenamente em uma lógica de centralização, quando é instituída na França a Direção das Bibliotecas no interior do Ministério da Educação Nacional, ainda mais porque o diretor era o administrador geral da Biblioteca Nacional (1945). Mas a tendência forte é para a desconcentração: o recuo operou-se em dois tempos: primeiro, com a saída das bibliotecas universitárias do perímetro da direção, e depois, nos anos 2000, com o de-

8. Por exemplo, a biblioteca digital da ENSSIB, em Villeurbanne muito rica no setor das bibliotecas e da biblioteconomia.

Digitalizado com CamScanner

sengajamento progressivo do Estado. O serviço das bibliotecas é cada vez mais assumido pelas coletividades locais e regionais, cidades, comunidades urbanas, sindicatos intercomunais, departamentos ou regiões. Ademais, os programas de criação, de organização e de funcionamento, que têm um custo orçamentário certo, são em parte questionados quando a conjuntura econômica se faz mais modesta, e quando o equilíbrio entre as mídias tende a se deslocar – um dos pontos de tensão incide frequentemente sobre a redução dos encargos com pessoal, que induz a redução do volume semanal das horas de abertura.

Nessa perspectiva, qual pode ser a resposta da instituição? A cooperação é mais do que nunca de atualidade, mas vamos insistir sobretudo, para concluir, sobre três pontos.

- A primeira consideração é da ordem do bom senso, e ela se situa no prolongamento do *Manifesto sobre a Biblioteca Pública* publicado pela Unesco em 1972: a biblioteca funciona como um espaço público partilhado, garantindo a acessibilidade, em princípio gratuita, aos recursos documentais de todo tipo. Ora, é bem evidente que, apesar da divulgação da microinformática e da internet, seu uso não está de forma alguma generalizado na população, por causa de problemas relativos ao equipamento, às disponibilidades das redes e aos custos (não só o material, mas também as assinaturas para os diferentes serviços e recursos). A fratura informática é uma realidade e, sem falar dos recursos tradicionais disponíveis pelo impresso, a biblioteca (ou seja, midiateca) em matéria de igualdade de acesso, tem que prestar um serviço ainda mais perceptível, na medida em que a conjuntura é mais modesta.
- Sem retornar à tradição de Alexandria, vimos que a biblioteca moderna se caracterizava também pela produção de metadados que enriquecem as informações contidas na mídia: tratamento documental e escolha das aquisições, tabela de classificação, normas de descrição, serialização, produção de instrumentos de trabalho de diferentes tipos etc., constituem outros tantos modelos de metadados.
- O papel dessa função para a biblioteca pós-moderna acha-se reforçado, porque a produção impressa aumenta rapidamente, porque a informação torna-se onipresente na vida diária, e porque a estruturação dos dados disponíveis nas novas mídias não permite julgar diretamente sua

Digitalizado com CamScanner

exatidão e sua pertinência. Em muitos casos, a popularidade substitui a autoridade, a infopoluição se difunde (por exemplo, com a autopublicação) e, finalmente, as instâncias tradicionais de prescrições não mais intervêm. É ainda mais importante que especialistas se empenhem em construir a interface para um público amplo (e até um público de estudantes e de profissionais), o qual tem tendência a pensar, erroneamente, que tudo está disponível imediatamente na internet, e que as informações que se obtém aí são *a priori* confiáveis. A biblioteca, na condição de lugar (físico) ou recurso (virtual) constitui, como tal, um espaço novo, de ordenação e de aprendizado em relação a uma infosfera de riqueza esmagadora: de certa maneira, ela filtra os dados e os recursos, ela os organiza, e assim estabelece certa ordem e certa inteligibilidade numa paisagem de aparência caótica.

- Nosso último ponto refere-se ao papel da biblioteca como polo de aprendizado e de encontro. O modelo contemporâneo da biblioteca pública (e mesmo da biblioteca científica[9]) associa de fato a possibilidade de acesso aos dados de todo tipo (inclusive àqueles disponíveis na internet), certo trabalho de informação (recenseamento, comentário, crítica eventual), e a função de fórum proporcionada pelo edifício. A mídia da arquitetura tem um grande papel, como demonstrariam inúmeros exemplos[10].

Por parte das instituições mais especializadas, a biblioteca e seu pessoal são uma estrutura de expertise e de construção de novos conhecimentos – particularmente no setor da história do livro e das mídias, e determinadas bibliotecas têm, aliás, com razão, o *status* de equipe de pesquisa, ou são associadas a equipes de pesquisa reconhecidas. Mais amplamente, a biblioteca deverá tornar inteligível a articulação entre o presente e o passado das mídias: em muitas bibliotecas que conservam coleções antigas e onde estas só são muito pouco solicitadas, a instituição deverá valorizá-las e deverá fazer com que sejam compreendidas por meio de determinado número de ações – em primeiro lugar, exposições. A tradição do pensamento ociden-

9. Guylaine Beaudry, *La Communication scientifique et le numérique*, Paris, Hermes Sciences Publications, 2011.
10. Anne-Marie Bertrand & Anne Kupiec, *Ouvrages et volumes: Architecture et bibliothèques*, Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 1997 ("Bibliothèques").

Digitalizado com CamScanner

tal está ligada ao livro há vários milênios e, portanto, é importante poder apropriar-se dela para perceber melhor as transformações em curso. Hoje, ainda mais do que ontem, ela terá que se definir e se redefinir como o "espaço público do conhecimento" (Patrick Basin).

Num meio ambiente em que, com as redes sociais, os modos de socialização mudam e em que, paradoxalmente, o individualismo aumenta de poder, a biblioteca como representação e como instituição vê sua função se deslocar. Na condição de representação, porque ela terá que representar o ideal de uma sociedade baseada no direito natural e colocando em primeiro lugar o imperativo da igualdade. Como instituição, porque esse objetivo encontrará precisamente na biblioteca um espaço privilegiado de afirmação e de funcionamento: na biblioteca, concebida como uma instituição neutra, não só nos apropriamos de um patrimônio coletivo, não só se tem acesso a informações de todo tipo, mas se aprende também a viver junto, em função dos interesses e das necessidades de uns e outros.

Digitalizado com CamScanner